

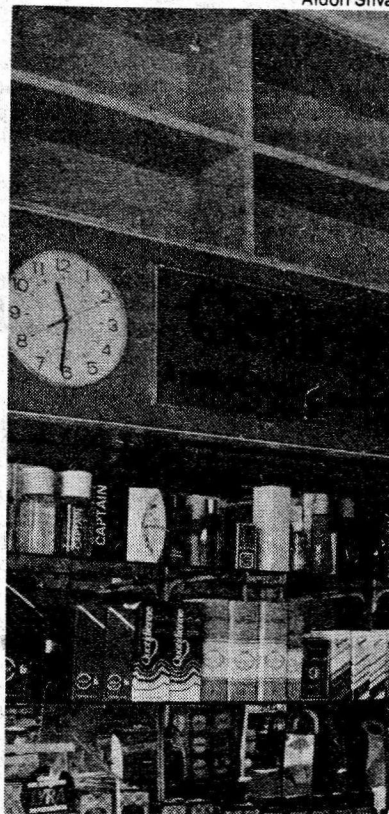
Farmácias e doentes sem remédio

Aldori Silva

«A situação vai de mal a pior. Ainda bem que Deus é brasileiro porque se nós tivéssemos um surto de gastroenterite, muita gente ia morrer». A afirmação desconsolada é de Wagner Gifone, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos do Distrito Federal. Ele se refere à falta generalizada de medicamentos no mercado, que, segundo afirma, tem provocado o fechamento de várias farmácias.

Wagner Gifone prevê uma crise social sem precedentes, caso os medicamentos não voltem às farmácias. Ele enumera uma série de produtos que, como afirma, «simplesmente desapareceram do mercado». Entre eles estão simples antigripais, como o Naldecon, em comprimidos e gotas, remédios para hipertensão como o Aldameti 500 — sem o qual o doente pode ter um derrame cerebral —, e até para diarreia como Calmusin, incluindo ainda, o de coração, Persantin.

Segundo o presidente do Sindicato, «a coisa vai piorar ainda mais», já que as indústrias prometem parar de produzir mais três mil medicamentos, alegando a defasagem dos preços e, com isso, a falta de rentabilidade. Para Wagner, «em parte essas empresas têm razão, mas compete ao governo analisar as planilhas de custo e verificar se elas têm ou não a necessidade de aumento». Gifone afirma que mesmo estas perspectivas são remotas, já que o Conselho Interministerial de Preços — CIP, que deveria exercer esta função não dispõe de funcionários



Estoques estão no fim

suficientes.

Ele esclarece, que o CIP que funciona no Rio de Janeiro, tem apenas quatro funcionários que, «para fiscalizar três mil itens levariam anos». Informa, ainda, que com a falta de produtos, de janeiro a fevereiro, fecharam 15 farmácias,

com um grande número delas já anunciadas em jornal. «A falência desses estabelecimentos é total. Muitos estão vendendo o ponto, o saldo de estoque e até mobiliário», confirma. Para Gifone, a situação tem que ser resolvida entre governo e empresários porque «nós, os donos de farmácias e a população é que sofremos com isso, já que as indústrias dizem que o governo ficou de estudar um reajuste e o governo afirma que deu o aumento de dezembro — 20% — e que só dará realinhamento para os remédios contra o câncer».

O dono da farmácia Planalto, José Guedes, da 102 Sul, não vê perspectivas de melhora para o setor. «O problema continua sendo o preço, afirma, e a indústria não aceita o ajuste que o governo deu. Com isso ela não está atendendo aos nossos pedidos de produtos», esclarece. José Guedes afirma, que se a situação durar mais 60 dias as farmácias não terão condições de continuar abertas, já que os laboratórios deixaram mesmo de visitar as farmácias.

Na Drogaria Metrópole da 102 Sul, o dono, Raimundo Carneiro, acha que sem o realinhamento que as indústrias querem «haverá um verdadeiro «black-out» na produção». Para ele, desemprego e morte por falta de remédios são as principais consequências disto e informa que, na sua farmácia, os remédios em falta são os que combatem a diarreia, hipertensão, antiparksonianos — para pessoas sem coordenação motora — e antiepiléticos.